

1232 A MÁ AÇÃO

RUBEM BRAGA

MEU caro —

Ontem, falando de Paris, você pedia para eu lhe mandar uma carta comprida contando histórias de nossa turma e do país em geral. Despachei-lhe hoje um grosso envelope com todos os discursos de despedida do marechal Castelo Branco, duas páginas de jornal com o resumo de seus últimos decretos-leis e mais o texto da Lei de Segurança. Dos discursos devo dizer que não li nenhum; deu-me, êsse govêrno, um tédio sagrado e insuperável; no começo eu lia todos os discursos do marechal, depois me limitava a passar os olhos, agora nem isso. Guardei-os; se calhar, eu os lerei algum dia. Pode ser que me dê apetite, mas não creio: tenho uma gaveta cheia de papéis assim, e minha inapetência cada dia é maior.

Êsse marechal que saiu praticou uma feia ação, à qual fez questão de associar o nôvo marechal. É o testamento de uma obsessão, essa lei de segurança. A propósito de tudo e de nada, há muito, neste país, só se fala de segurança. É em nome da segurança nacional que se praticaram abusos e crimes durante mil dias; é em seu nome que se pretende anular todas as garantias democráticas, institucionalizando a opressão e o medo. A lei é tão feia e torva que o mesmo govêrno que a engendrou se envergonhou dela, e só a deu à luz no último instante, como quem deixa uma bomba debaixo da cadeira que tem de ceder a outrem. É uma lei de quem desconfia do Brasil e do seu povo, é quer trancá-lo dentro de um esquema de esquisofrenia e burrice.

Não adianta argumentar que «seu» Artur é bonzinho e não aplicará a lei. Não queremos que o «seu» Artur seja bonzinho, e o Brasil já é bastante grande para não depender mais disso. Essa lei fabricada no porão de um militarismo tacanho e mediocre não serve para um povo independente. Sua simples existência envenena, empesta o regime nôvo: é preciso removê-la da paisagem para que se possa respirar um ar mais puro.

E o Brasil precisa respirar.

DN-17.3.67